

Processos de Busca de Informação Política dos Estudantes de Graduação da UFMG: uma abordagem qualitativa¹

Political Information Search Processes by Undergraduate Students of UFMG: a qualitative approach

Fernanda Teixeira Brito²
Karina Pinto de Jesus Aganette³
Fernanda Resende Sobreira⁴
Ruth Almeida Nonato⁵
Paula Ferraz dos Anjos⁶
Filipi Miranda Soares⁷
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte⁸

RESUMO

A consolidação da Internet, particularmente das redes sociais, como canal de disponibilização e de acesso a informações sobre o cenário político atual proporciona aos indivíduos meios de interagir de maneira rápida, até mesmo simultânea, com outros indivíduos inseridos em ambientes sócio-culturais diversos. O Facebook contribui massivamente para a interação político-social em todo o mundo. Pesquisa anterior analisou quantitativamente esse fenômeno social entre os estudantes de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e resultou em indagações e inferências as quais são averiguadas na presente investigação. O propósito desta foi descobrir o porquê de o Facebook e a Internet serem os meios mais utilizados pelos universitários da UFMG para obter informações sobre política; investigar se o contexto social influencia o processo de busca de informações sobre política dos estudantes; investigar a causa da baixa adesão dos graduandos da UFMG às manifestações de 2015. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa e utilizou-se grupos focais como ferramenta de coleta de dados. A partir da análise das práticas informacionais dos estudantes confirmou-

¹ Artigo produzido por discentes do curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

² f.bibliotec@yahoo.com.br

³ karinaaganette@gmail.com

⁴ fresendes25@gmail.com

⁵ ruthalmeida_nonato@hotmail.com

⁶ paulaf.12@hotmail.com

⁷ filipivgp2011@hotmail.com

⁸ Doutora em Ciência da Informação pela UFMG. Professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG - bogliolo@eci.ufmg.br

se que o uso da Internet e Facebook se dá com o intuito de confirmar informações obtidas em outras fontes. Comodidade e possibilidade de construção de opiniões próprias diante do leque de informações disponíveis aparecem como motivos para escolha desses canais de informação. Além disso, observa-se que o contexto social efetivamente influencia no modo como estes estudantes buscam, confirmam e disseminam informações sobre política.

Palavras-chave: *Práticas informacionais. Estudantes de graduação da UFMG. Política. Grupo Focal. Abordagem qualitativa.*

ABSTRACT

The Internet and social networks consolidation as information channel giving rapid access to the current political scene gives individuals ways to interact quickly, even simultaneously, with others despite their socio-cultural environments. Facebook contributes massively to the political and social interaction around the world. Previous research analyzed quantitatively this social phenomenon among undergraduate students of the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) and resulted in questions and inferences which are investigated in this research. The purpose of this was to find out why Facebook and the Internet are the means most used by UFMG undergraduate students for information about politics; investigate whether the social context influences their process of searching for information about this subject and investigate the cause of their poor adherence to the public demonstrations of 2015. To reach this goal, it was adopted a qualitative approach and focus groups were used as data collection tool. From the analysis of informational practices of the students it was confirmed that the use of the Internet and Facebook was done with the intention of confirming information obtained from other sources. Convenience and possibility of building their own views from the range of information available appear as reasons for choosing these information channels. Moreover, it was observed that the social context effectively influences the way these students search, confirm and disseminate information about politics.

Keywords: *Information practices. UFMG undergraduate students. Politics. Focal Groups. Qualitative Approach.*

1 INTRODUÇÃO

A expansão massiva da Internet resultou em uma explosão informacional que atinge proporções extraordinárias. Os usuários da rede mundial de computadores não são “consumidores passivos” de informação. A abertura e a democratização da Internet, ocasionadas pela *Web 2.0*, permitiu que os usuários se tornassem, além de consumidores, produtores e disseminadores de informação. Nas redes sociais, os indivíduos recebem torrentes de informações a todos os momentos e todo tipo de informação. Essa grande variedade informacional se deve a diversidade de produtores e compartilhadores de informação e à facilidade de contato instantâneo em rede. Logo, uma publicação pode atingir todos os usuários que estejam relacionados ao indivíduo que está disseminando dada informação. Conforme Pascoal (2013, p. 8):

As redes sociais na Internet ampliaram as possibilidades de conexões e, com isso, ampliaram também a capacidade de difusão de informações dos diferentes grupos sociais. Antes, uma informação só se propagava através das conversas entre as pessoas ou por meio de jornais e revistas impressos. Nas redes sociais online, essas informações são amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas numa velocidade bem maior.

As redes sociais, especialmente o *Facebook*, além das funções elencadas, contribuem massivamente para a divulgação e organização de eventos de cunho político em todo o mundo. Conforme Fumian e Rodrigues (2013, p. 174)

A rede social *Facebook*, amplamente utilizada em movimentos políticos por seu alcance e sua facilidade de acesso, oferece uma plataforma de interação gratuita com seus recursos extremamente funcionais que constituem peças relevantes para o uso deste meio como ferramenta de ensino, permitindo a troca de informações experiências em tempo real.

Devido à capilaridade, as redes sociais são utilizadas por manifestantes, militantes e afins para a organização de protestos e manifestações contra ou a favor de governos e/ou regimes. No Brasil, demonstraram papel importante nas manifestações que eclodiram em junho de 2013 e ao longo do primeiro semestre de 2015. Durante as manifestações de 2013, segundo dados da revista *Info Exame online* (ESTADÃO, 2013), 79 milhões de internautas foram impactados pelos compartilhamentos sobre os protestos no Brasil.

Não obstante, as redes sociais se popularizaram entre os estudantes universitários brasileiros, que também se apropriaram destas, dentre outras funções, para comunicação e compartilhamento de informações sobre política.

Além das redes sociais, diversas outras mídias divulgaram informações sobre a crise política que se instaurou no país e que culminou com as manifestações observadas nos últimos anos. A partir de uma pesquisa anterior realizada pelos autores, constatou-se que dentre as fontes de informação tradicionais (jornal, revista e televisão), as mais utilizadas pelos alunos de graduação da UFMG dos campi de Belo Horizonte para eventuais consultas sobre política são: os jornais Estado de Minas e O Tempo, as revistas Carta Capital e Veja, e os meios televisivos Rede Globo e Canais Fechados (TV a cabo).

Assim, um dos objetivos desta investigação foi analisar a razão dos índices de uso das fontes citadas. O objetivo geral deste trabalho foi analisar as práticas informacionais, no contexto político contemporâneo, dos alunos de graduação da UFMG, campi de Belo Horizonte. Como demais objetivos, almejou-se descobrir o porquê de o *Facebook* e a Internet serem os meios mais utilizados para obter informações sobre política; averiguar se o contexto social influencia o processo de busca de informações políticas dos alunos de graduação da UFMG e investigar a causa da baixa adesão dos alunos de graduação da UFMG às manifestações de 2015.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os primeiros estudiosos na área de usuários da informação descreviam basicamente a interação entre usuário e informação da seguinte forma: o usuário se depara com uma lacuna ou um *gap* informacional; para transpor esta lacuna, o usuário precisa adotar estratégias de busca para obter informações que sejam capazes de preencher o vazio de conhecimento; depois que a lacuna foi detectada e transposta, o usuário irá se apropriar da informação, fazendo uso desta e construindo significados. Este modelo foi aceito durante muito tempo, e ainda serve como base para diversos estudos contemporâneos. O modelo de necessidade-busca-e-uso foi proposto por Brenda Dervin e Michael Nilan em 1986 e ilustrado da seguinte maneira:

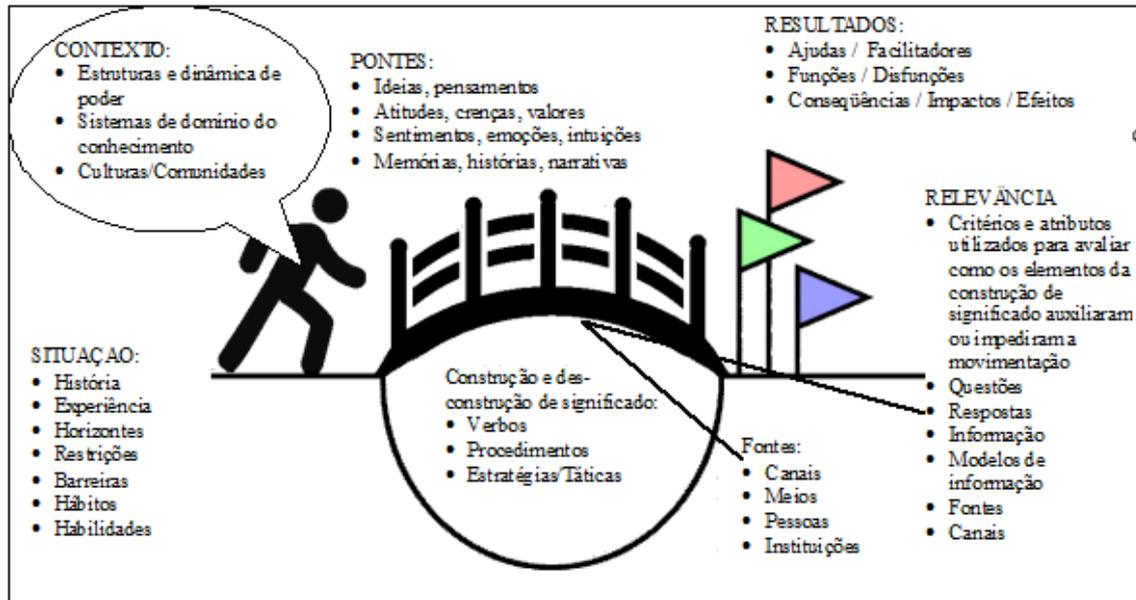


Figura 1 – Metáfora da construção de significado

Fonte: Adaptado de DERVIN; FOREMAN-WERNET, 2012, p. 156.

Ferreira (1995) define que as bases dessa abordagem são:

1. O processo de se buscar compreensão do que seja “necessidade de informação” deve ser analisado sob a perspectiva da individualidade do sujeito a ser pesquisado;
2. A informação necessária e o esforço empreendido no seu acesso devem ser contextualizados na situação real da qual ela emergiu;
3. O uso da informação deve ser dado e determinado pelo próprio indivíduo.

Contudo, segundo Savolainen (2007), este modelo de comportamento informacional possui pontos falhos. Isso porque os modelos de comportamento informacional propostos até então estavam voltados ao usuário em sua individualidade. Não havia preocupação em estudar o contexto social no qual o indivíduo estava inserido. Além disso, o conceito “*information behavior*” poderia ser confundido com paradigmas da psicologia. Desta forma, Savolainen (2007) afirma que:

'Comportamento informacional' é uma terminologia e uma abordagem menos feliz porque as pessoas fora do campo podem associá-la muito de perto com o paradigma behaviorista na psicologia e, por isso, não considerar a ampla gama de fatores contextuais de interesse para a investigação dos estudos da informação (tradução nossa)⁹.

⁹ Original em inglês: ‘information behavior’ is less felicitous because people outside the field may associate it too closely with the behaviorist paradigm in psychology and, thus, not consider the broad range of contextual factors of interest to information studies research.

Para tentar solucionar este problema, Savolainen (2007), bem como Talja, Tuominen e Savolainen (2005) sugerem a adoção de um novo conceito, que fosse mais abrangente e que desse conta de analisar o usuário em interação com o meio circundante. Firma-se então, o conceito de práticas informacionais.

Tuominen; Talja; Savolainen (2005) postulam:

O anterior [práticas] assume que os processos de busca e uso de informação são constituídos social e dialogicamente, em vez de com base nas ideias e motivações dos atores individuais. Todas as práticas humanas são sociais, e são originárias de interações entre os membros da comunidade (tradução nossa)¹⁰.

Desta forma, o conceito de práticas muda o foco de comportamento, motivos, e habilidades do sujeito individual. Instantaneamente, maior atenção é direcionada aos membros de vários grupos e comunidades que constituem o contexto de suas atividades comuns. Desta forma, ao estudar o sujeito informacional a partir da abordagem das práticas informacionais compreende-se que não só o sujeito sofre interferências do contexto (cultural, social) como previsto pela abordagem do comportamento informacional, como também o sujeito interfere neste contexto, alterando-o, numa relação dialógica. Entende-se, portanto, que a abordagem das práticas informacionais compreende o conceito de comportamento informacional, porém o amplia.

Seguindo a lógica do conceito de práticas informacionais, este trabalho se desenvolve como forma de analisar as práticas de um grupo determinado de pessoas em uma comunidade específica, ou seja, estudantes de graduação da UFMG. A preferência pelo uso do conceito de práticas informacionais ocorreu devido à necessidade de analisar a influência do contexto social universitário sobre a maneira como os estudantes buscam, selecionam, percebem, usam e disseminam informações sobre atual crise política que se alastra no país, bem como a construção que promovem, através da disseminação e compartilhamento de informações, nesse próprio ambiente e contexto. Nesta fase da pesquisa, diferentemente do primeiro momento, publicado em artigo à parte que informa os resultados quantitativos da pesquisa, não se desejava saber quais eram as principais

¹⁰ Original em inglês: the former assumes that the processes of information seeking and use are constituted socially and dialogically, rather than based on the ideas and motives of individual actors. All human practices are social, and they originate from interactions between the members of community.

fontes de informação utilizadas pelos estudantes para obter informações sobre política. Objetivou-se descobrir as razões para a escolha destas fontes e a influência do contexto social sobre a interação entre os graduandos e a informação.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para aprofundar o estudo de questões que ficaram por resolver na pesquisa prévia (SOBREIRA, 2016). Se afasta dos métodos tradicionais dos estudos de usuário da informação, pois tenta analisar aspectos mais subjetivos a respeito do tema, sem se preocupar com análise quantitativa dos dados coletados. Para tanto escolheu-se utilizar como ferramenta de coleta de dados os grupos focais.

O grupo focal é uma técnica que foi explorada, inicialmente, pela área do *Marketing* para ver a reação dos consumidores de novos produtos, sendo posteriormente adotada por várias outras áreas do conhecimento, pois “o grupo focal, por dar oportunidade aos participantes de exporem aberta e detalhadamente seus pontos de vista, é capaz de trazer à tona respostas mais completas, permitindo ao pesquisador conhecer melhor e mais profundamente o grupo pesquisado” (DIAS, 2000, p. 7).

Dias (2000, p. 3) diz que:

O grupo focal se inicia com a reunião de seis a 10 pessoas selecionadas com base em suas características, homogêneas ou heterogêneas, em relação ao assunto a ser discutido. [...] O número de pessoas deve ser tal que estimule a participação e a interação de todos, de forma relativamente ordenada.

Para a aplicação do grupo focal, um roteiro semiestruturado foi formulado. Optou-se por realizar três grupos focais para, no conjunto, tentar abranger todas as áreas do conhecimento reconhecidas pela UFMG, Saúde, Agrárias, Humanas, Exatas e da Terra, Engenharias, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes e Biológicas, com pelo menos um estudante de cada. Cada grupo focal contou com a participação de no máximo cinco estudantes (embora o número seja inferior ao recomendado por Dias (2000), não foi possível reunir em mesma data e horário maior quantidade de participantes) e teve duração aproximada de uma hora.

Posteriormente foi feita a transcrição dos depoimentos dos três grupos focais para análise. No Quadro 1 estão listados os cursos/área do conhecimento dos participantes dos grupos focais.

Grupo Focal	Entrevistado	Curso	Área do Conhecimento
Grupo Focal 1	Entrevistado 1	História	Humanas
	Entrevistado 2	Biblioteconomia	Sociais Aplicadas
	Entrevistado 3	Turismo	Sociais Aplicadas
	Entrevistado 4	Música	Linguística, Letras e Artes
	Entrevistado 5	Ciências Biológicas	Biológicas
Grupo Focal 2	Entrevistado 1	Educação Física	Saúde
	Entrevistado 2	Engenharia Mecânica	Engenharias
	Entrevistado 3	Ciência da Computação	Exatas e da Terra
Grupo Focal 3	Entrevistado 1	Turismo	Sociais Aplicadas
	Entrevistado 2	Gestão Pública	Sociais Aplicadas
	Entrevistado 3	Gestão Pública	Sociais Aplicadas
	Entrevistado 4	Comunicação	Sociais Aplicadas

Quadro 1 – Lista dos participantes dos grupos focais.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

4 RESULTADOS

A categorização dos dados dos grupos focais foi feita *a posteriori*. Após a transcrição e análise dos dados, foram observadas quatro grandes categorias (“Motivos para utilização da Internet e redes sociais”, “Contexto social”, “Avaliação das fontes de informação”, “Avaliação das manifestações”), com subcategorias que retratam pontos relevantes observados a partir dos debates nos grupos focais.

Categorias	Subcategorias
4.1 Motivos para utilização da Internet e redes sociais	<i>4.1.1 Comodidade</i>
	<i>4.1.2 Indisponibilidade para assistir televisão</i>
	<i>4.1.3 Encontro fortuito com a informação; abundância de informações</i>
	<i>4.1.4 Possibilidade de consultar diversas opiniões</i>
	<i>4.1.5 Formulação de ideias próprias</i>
	<i>4.1.6 Confirmação de informações</i>
	<i>4.1.7 Preferência pela mídia independente</i>
4.2 Contexto social	<i>4.2.1 Impacto do contexto social no uso das fontes de informações</i>
	<i>4.2.2 Práticas informacionais nas redes sociais</i>
	<i>4.2.2.1 Comportamento ativo</i>
	<i>4.2.2.2 Comportamento passivo</i>
4.3 Avaliação das fontes de informação	<i>4.2.2.3 Produção de informação</i>
	<i>4.3.1 Facebook</i>
	<i>4.3.1.1 Excelente para debates</i>
	<i>4.3.1.2 Instrumento de manipulação</i>
	<i>4.3.1.3 Instrumento de controle</i>
	<i>4.3.2 Fontes de informação tradicionais</i>
4.4 Avaliação das manifestações	<i>4.3.3 Fontes de informação informal (comunicação oral)</i>
	<i>4.4.1 Direito importante</i>
	<i>4.4.2 Sem foco</i>
	<i>4.4.3 Foram festa</i>
	<i>4.4.4 Últimas manifestações (2015) foram de uma classe social</i>

Quadro 2 – Categorias e subcategorias da análise de dados

Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

4.1 Motivos para utilização da Internet e redes sociais

Os altos índices de uso de redes sociais e internet para busca, uso e/ou troca de informações sobre política, verificados na primeira fase desta pesquisa, foram justificados devido:

- a) à facilidade de acesso à internet e às redes sociais, ou seja, é mais fácil obter informações através destes meios do que, por exemplo, através da televisão, uma vez que “todo mundo” está conectado em rede;

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.5, n.2, out. 2015.

- b) à possibilidade de observar diferentes tratamentos dados ao assunto em pauta e, conseqüentemente, elaborar novas opiniões a respeito;
- c) ao fato de ser possível ainda, através da internet, confirmar as informações que chegam pelos diversos meios. É possível navegar por variados sites e verificar como diferentes autores tratam sobre o tema pesquisado.

4.1.1 Comodidade

A comodidade, devido à facilidade de acesso em diferentes plataformas, lugares e uso cotidiano da rede social é mencionada como uma das razões para seu uso como fonte de informação também sobre assuntos relacionados à política. Muitos dos universitários que participaram da entrevista mencionaram utilizar redes sociais diariamente (não com o propósito específico de buscar informações sobre políticas, mas com diferentes objetivos). Vários deles comentaram sobre a proliferação de postagens sobre esse assunto:

Eu acho que é comodidade, porque você já tá nele, você já faz acesso as rede social todo dia, aí pra você procurar notícias sobre esse assunto, aí eu já achei pra você (*sic*) (Grupo Focal 2, Entrevistado 2).

4.1.2 Indisponibilidade para assistir televisão

Em mais de uma ocasião foi evidenciada a substituição da televisão pela Internet pelos debatedores, seja pela falta de tempo, pela facilidade de acesso, pelo formato ou acesso mais interessante, por questão de hábito:

[...] mais porque que entrei na escola pra fazer o ensino médio que era uma escola técnica, eu morava num alojamento e não tinha televisão e... a internet foi melhorando e deixando a televisão cada vez mais desinteressante (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

É, interessante isso. Hoje em dia aqui não tem televisão, então eu chego em casa, na casa dos meus pais, eu não ligo a televisão mais. Entendeu? Eu fico lá, e ela desligada. Perdi esse hábito (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

[...] assim, o que procurei mais foi sobre a maioridade penal e eu procurei em vários sites porque eu não tenho tempo de assistir jornal (risos)... então, assim, eu tenho que olhar pela internet mesmo (Grupo Focal 1, Entrevistado 5).

4.1.3 Encontro fortuito com a informação; abundância de informações

Um dos pontos que ficou claro a partir das discussões é que a Internet e, em particular as redes sociais, potencializam a possibilidade do encontro fortuito ou casual com uma informação, ainda que o indivíduo não esteja necessariamente procurando por ela. Tratam-se das categorias de “varredura ativa” e “monitoramento não direcionado”, mencionadas por Pamela Mckenzie em seu modelo de Práticas Informacionais (MCKENZIE, 2003), quando o indivíduo tem “*serendipitous encounters*” com a informação, seja por estar navegando por locais onde potencialmente poderia encontrá-la, seja por mero acaso em lugares inesperados. Como menciona um dos entrevistados, ao acessar a rede social a informação sobre política chega até você antes mesmo que você a procure:

[...] as informações, elas, as notícias do cotidiano, elas vêm pra mim de diversos, diversas formas. Vem tanto no boca-a-boca como ela falou, vem de..., sei lá, eu não sigo televisão mais, não assisto televisão, mas se eu passar na frente da televisão e tiver uma notícia passando, eu vou ver a notícia e não vou negar. Eu vi a notícia, ela chegou pra mim pela televisão. Pelo rádio também, mas eu sempre vejo se procedem, assim, de qualquer..., seja lá de qual for o meio que ela veio pra mim. Eu acho que atualmente o que eu conheço que é mais confiável seria a internet, assim, mas mesmo dentro da internet, tem vários sites, vários lugares, então sempre procuro em vários lugares pra..., pra ver se procede mesmo (Grupo Focal 1, Entrevistado 4).

Não tinha como você escapar de ficar sabendo na verdade. Foi de várias fontes: internet, pessoas, televisão. Só que cada uma fonte mostrava de uma maneira, é evidente isso! (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

[...] não sei... chegou... às vezes tudo ao mesmo tempo, né? Às vezes você no *Facebook*, você chega aqui já comenta, tem gente comentando que viu em outro site, a gente informa... (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

4.1.4 Possibilidade de consultar diversas opiniões

A rede social foi considerada, ao contrário de outras mídias, como menos passível de manipulação das informações. Ressaltou-se a pluralidade de autores e também a possibilidade de navegar por diferentes pontos de vista em uma única interface:

A vantagem é por ser uma plataforma que engloba várias fontes diferentes, ao contrário de uma revista ou de um jornal. [...] Quando você pega o *Facebook*, o *Youtube* ou qualquer coisa, qualquer outra rede social, ela é uma plataforma onde você tem várias pessoas lá, então a notícia não chega já toda manipulada pra você, você tem milhões de

pessoas diferentes que podem estar comentando sobre o assunto e esse é o interessante, por isso que essa rede é o melhor (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

4.1.5 *Formulação de ideias próprias*

As características ressaltadas na categoria anterior impactam, inclusive, na construção do significado pelo sujeito. Um dos debatedores utiliza a expressão “monto a minha informação” para demonstrar como, a partir de diferentes fontes retiradas da internet (as quais ele pode verificar, checar autoria e confiabilidade, verificar se está havendo ou não manipulação) ele atribui sentido àquilo que lhe interessa.

Eu não gosto do conteúdo da revista, no geral. Talvez uma ou outra notícia seja interessante, mas estão bem compiladas, foram bem tratadas... todo mundo viu, olhou... e... aquilo tá muito bem montado, tá muito bem montada a revista. Por isso que eu não gosto dela. Enquanto na internet eu já vou... monto a minha informação. Pego ela de vários lugares, se eu vejo que algum canal... e o canal não é legal, a pessoa não colocou referências bibliográficas boas e tudo mais, eu fecho essa e vou em outra (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

4.1.6 *Confirmação de informações*

A internet foi considerada canal para confirmação de informações obtidas em outras fontes (as próprias redes sociais, televisão, rádio etc.). Alguns dos debatedores demonstraram-se ativos na produção de informações na rede ao explicitar que corrigem informações incorretas quando percebem o erro. Os relatos a seguir demonstram essas considerações.

Quando eu vejo alguma informação, alguma notícia bombástica, eu geralmente não confio, que o *Facebook* não dá fontes, igual ao Entrevistado 2 falou. E, Muitas vezes, quando é algo muito absurdo, eu pesquiso na internet e costumo descobrir que é mentira, e..., costumo postar onde eu descobri a mentira nos comentários do *post* absurdo (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

Eu costumo ler, eu costumo às vezes ver as notícias nas grandes emissoras, mas eu vejo pra depois ir pra internet e ler artigos de sites que eu confio (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

Eu vi a notícia, ela chegou pra mim pela televisão. Pelo rádio também, mas eu sempre vejo se procedem, assim, de qualquer..., seja lá de qual for o meio que ela veio pra mim. Eu acho que atualmente o que eu

conheço que é mais confiável seria a internet, assim, mas mesmo dentro da internet, tem vários sites, vários lugares, então sempre procuro em vários lugares pra..., pra ver se procede mesmo (Grupo Focal 1, Entrevistado 4).

4.1.7 Preferência pela mídia independente

Os universitários tendem a não atribuir crédito às fontes de informação tradicionais quando o assunto é política. Não acreditam que haja imparcialidade na divulgação de notícias por jornais televisivos ou impressos ou por revistas.

Eu me informo mais pela internet, porque eu já abandonei o jornal televisivo. [...] Porque eu não acredito em nada do que eles falam. Assim, eu acho que eles passam a notícia, né, rolou alguma treta e eles vão falar. Mas eu acho que não é imparcial o noticiário televisivo, então, aí isso me consome um pouco, principalmente do grande, dos grandes telejornais (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

É na internet, eu considero televisão menos confiável que a internet. É ..., é na internet e não outras revistas ou jornais de forma alguma... (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

4.2 Contexto social

Verificou-se o quanto o contexto social impacta na tomada de decisão nas buscas informacionais por política. Observou-se que a faculdade se mostra uma formadora e/ou modificadora de opiniões, seja pelos debates promovidos nas disciplinas, pelas leituras feitas, pelos contatos com os colegas, pelas reflexões propostas. No mundo contemporâneo as informações chegam em abundância nas variadas fontes existentes, processo que torna, mais cedo ou mais tarde, a informação conhecida ainda que não se busque ativamente por ela; todo esse processo direciona os participantes do meio informacional a determinadas práticas que podem ser de busca passiva, encontro casual com a informação, busca ativa ou produção e compartilhamento de informação.

4.2.1 Impacto do contexto social no uso das fontes de informações tradicionais

O ingresso no ambiente universitário mostrou aos jovens entrevistados a necessidade de saber ouvir diferentes pontos de vista (inclusive os considerados “absurdos”), de ter reflexão crítica, de saber-se ainda pouco conhecedor da extensa complexidade dos

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.5, n.2, out. 2015.

assuntos, de analisar fatos, situações e problemas – inclusive a política do país – sob diferentes aspectos. É o que demonstram os depoimentos a seguir:

Eu mudei muito, depois que entrei pra faculdade, meu jeito de ver política. Acho que antes..., talvez induzido ou não tenho uma negação muito forte, não aceito discutir isso. Comecei me ver importante, comecei a ouvir mais, mesmo que algo, que seja meio absurdo, acho que parar pra ouvir o absurdo é importante, você toma consciência do que tá acontecendo. Mas eu ainda tô muito leigo, não sei muito bem desenvolver... (sic) (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

"Eu utilizo muito, é... eu tenho acho que quase todas, algumas eu não entro, mas é... o *facebook* principalmente depois que eu entrei na faculdade, eu tenha tomado uma posição mais política, de criticar... de falar gente olha isso, presta atenção, olha isso e tal... (Grupo Focal 3, Entrevistado 2).

4.2.2 Práticas informacionais nas redes sociais

Ao avaliar as práticas informacionais relacionadas à busca de informação no cotidiano – *Everyday Life Information Seeking* (ELIS), Mckenzie verifica que o processo de busca de informação se dá em duas etapas: o estabelecimento do contato e a interação propriamente dita (MCKENZIE, 2003). Ainda segundo a autora, essas duas etapas podem se manifestar de quatro diferentes modos: busca ativa, varredura ativa, monitoramento não direcionado e por procuração. Na busca ativa o sujeito tem consciência de que necessita de uma informação, conhece uma fonte em que potencialmente acredita que encontrará aquilo de que necessita e empreende uma busca efetiva efetuando o contato e interagindo com a fonte para satisfazer sua necessidade. Na varredura ativa, embora consciente de sua necessidade, o sujeito não tem certeza de uma fonte precisa para satisfazê-la. Passa a monitorar diversas fontes potenciais em busca de estabelecer possíveis contatos para possíveis indagações. O monitoramento não-direcionado ocorre porque, uma vez sensibilizado para um assunto, o indivíduo passa, consciente ou inconscientemente, a monitorar ambientes, mesmo aqueles em que não espera localizar informações sobre o assunto. Muitas vezes encontra por acaso informações que lhe são úteis sobre a questão sem estar explicitamente efetuando uma busca. Finalmente, a busca por procuração é aquela em que, uma vez que outras pessoas sabem do interesse que um indivíduo possui por determinado assunto, elas passam a lhe trazer informações sobre esse assunto, ainda que este indivíduo não tenha solicitado explicitamente tais informações.

Todas essas formas de práticas informacionais foram encontradas entre os sujeitos investigados quando se questionou sobre suas práticas nas redes sociais. No entanto, preferiu-se categorizá-las como comportamento ativo, comportamento passivo e produção de informação, como será explicado a seguir.

4.2.2.1 Comportamento ativo

Como comportamento ativo nas redes sociais estão as ações de buscar informações/postagens específicas (sobre um assunto ou de um amigo), bem como curtir e compartilhar informações/postagens. Quando o compartilhamento de uma postagem se dá especificamente para algum amigo (fulano compartilha para cicrano) tem-se o que Mckenzie (2003) chamou de prática informacional por procuração (cicrano foi identificado como um buscador potencial de informação e está recebendo esta informação sem ter realizado qualquer ação explícita de busca, porque fulano acreditou/percebeu que esta informação lhe seria útil).

O relato a seguir demonstra atitude comum entre os entrevistados: de compartilhar com parcimônia, em muitos casos verificando a fonte antes de fazer o compartilhamento, em outros, selecionando para quem compartilhar a postagem.

Eu prefiro compartilhar, quando eu compartilho as coisas só quando são coisas em que eu vejo que, não realmente, isso eu vou compartilhar porque tá... mas entre meus amigos só mesmo, sabe? Ou então às vezes até mando com aquela...personalizada, que eu coloco as pessoas que eu quero que vejam, só elas... justamente pra não me expor mesmo, mas eu-eu curto, eu acho assim... curtindo, bastante (Grupo Focal 1, Entrevistado 4).

4.2.2.2 Comportamento passivo

O comportamento passivo relaciona-se principalmente com a categoria de monitoramento não-direcionado proposta por Pamela Mckenzie (2003). Os indivíduos utilizam a rede social para ler postagens sem buscar especificamente por alguma coisa, e podem eventualmente encontrar informações que lhes interessem. Não expressam práticas ativas, seja de busca direcionada, seja de curtir ou compartilhar postagens, seja de produção da informação. Os relatos abaixo mostram indivíduos que podem ser categorizados por comportarem-se dessa maneira nas redes sociais:

Ah. Eu sou muito pouco ativo no..., nas redes sociais, principalmente o *Facebook*. Eu só..., eu não publico nada, não faço nada. Eu só leio. Mas eu leio de tudo. Mas não tenho costume de publicar nada não (Grupo Focal 2, Entrevistado 2).

Eu não entro muito em *Facebook*, ultimamente sabe. Eu, tipo, mas de vez em quando, e tipo, dou uma olhada no que que ta passando, se tem alguma informação que me interessa ou que me chamou a atenção eu dou só uma olhada, eu não fico lendo tudo não, dou só uma lida no que eu..., no título, nos primeiros parágrafos, assim só, mas nem por isso eu fico procurando se é verdade, se é mentira, nada disso (Grupo Focal 1, Entrevistado 2).

4.2.2.3 Produtor de informação

Os produtores de informação são aqueles que, além de compartilharem, produzem informação e fazem postagens de conteúdos próprios, expressando opiniões e pontos de vista. Esta é a forma mais contundente de prática informacional, pois o indivíduo, ao produzir informação na rede social, espera promover o debate (ter comentários sobre sua postagem), interferindo assim no contexto social ao seu redor.

Ah, eu já fui muito ativa, assim no *Facebook*, no sentido de ler a notícia, compartilhar, não sei o que. **Discuti muito no *Facebook***. Hoje em dia, eu prefiro mais observar, sabe, e compartilho coisas que eu realmente acho estrondosas, assim, ah não isso aqui não pode ficar calado, né. Mas, igual, nas manifestações de junho, por exemplo, eu era muito ativa no *Facebook* e **aí eu discutia com aquele povo todo** e tal, mas depois vai cansando também né. É que você vai ouvindo muita coisa e você vai ficando muito ansiosa com aquilo, e por mais que seja..., eu só tenho *Facebook* também de rede social. E por mais que **cê ta lá falando suas ideias e tudo, você também escuta muita coisa**, muita atrocidade, pra mim é atrocidade, muito preconceito. Tem muita coisa divulgada ali na rede social, né. Aí então me afastei um pouco, até pra manter meu espírito calmo, né. Mas ainda hoje eu, eu de vez em quando compartilho evento de educação, umas coisas assim que, que é mais uma forma de... (Grupo Focal 1, Entrevistado 1, grifos nossos).

Eu escrevo várias coisas, depende da época, é coisa mais contextual, do que aconteceu no dia, aí eu faço um post mais contextual, sobre a legalização das drogas, sobre a criminalização da pobreza por eu ser da periferia, é... coisas sobre preconceito, violação dos direitos humanos, e corrupção, terceirização, maioria penal (contra) enfim, essas coisas assim que são bem debatidas pela sociedade (Grupo Focal 3, Entrevistado 4).

4.3 Avaliação das fontes de informação

A partir dos grupos focais realizados, verificou-se a avaliação das fontes de informação tradicionais, da informal e do *Facebook* por parte dos participantes. Desta maneira, os participantes avaliaram o *Facebook* como excelente para debates, mas também, como um instrumento de manipulação e controle. Os jornais, revistas e meios televisivos tiveram uma repulsa e descrédito, porém tais fontes de informação ainda são (ou continuam sendo) meios utilizados para confirmarem a informação, além dos participantes terem uma preferência pelos canais alternativos. Por outro lado, a comunicação oral, meio de comunicação informal, revelou-se muito utilizada pelos participantes do grupo.

4.3.1 *Facebook*

O *Facebook* é, sem sombra de dúvidas, a rede social mais utilizada pelos entrevistados. No entanto, o aplicativo *Whatsapp* foi mencionado algumas vezes como um canal também bastante utilizado devido ao seu potencial para organização de grupos para debates.

4.3.1.1 Excelente para debates

O *Facebook* é visto como local promissor para se encontrar informações, para se colocar notícias, informações, pontos de vista e, inclusive, para se promover o debate. Devido à possibilidade de que as pessoas comentem postagens feitas, e que réplicas e trélicas possam ser feitas, o potencial para discussão é evidenciado. No entanto, muitos dos estudantes demonstram já não utilizar a ferramenta para esse fim por motivos diferentes: cansaço, medo de estar sendo observado, entre outros:

Esse negócio que você falou de..., de discussão, né de *Facebook*, assim, eu tô cansada disso tudo, mas ao mesmo tempo eu acho muito importante que, é, a rede social abriu muito, é, vários tipos de discussão, né? (Grupo Focal 1, Entrevista 1).

4.3.1.2 Instrumento de manipulação

Se por um lado a manipulação da grande mídia sobre o pensamento dos indivíduos foi muito mencionada, por outro lado os entrevistados ressaltaram que também nas redes sociais existe a manipulação, o que pode ser feito através da propagação de informações

sem conferir sua veracidade, da adulteração de imagens e textos etc. Os relatos a seguir ilustram esse ponto de vista:

[...] Chega um ponto que o poder em um meio... pode ser manipulado. Por quem tá por trás ali. Então eu acho bem perigoso. Algo que tem um poder tão grande (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

É muito perigoso, porque muita gente sai espalhando tudo sem... sem conferir, então você monta uma foto, a foto é totalmente montada, e coloca lá e publica no *Facebook*. Com certeza muita gente vai acreditar (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

4.3.1.3 Instrumento de controle

A falta de privacidade no ambiente da Internet, a possibilidade de estar sendo observado ou até mesmo de ter sua conta invadida chegaram a ser mencionados. O controle que os administradores das redes sociais possuem sobre os usuários não é claro para os mesmos, e o assunto foi colocado em pauta:

Mas a questão é: [...] eu fui em todas, eu fui em todas as manifestações, um dos motivos que eu parei de usar *Facebook* foi porque eu achei que tava grampeado meu *Facebook*, porque rolou toda essa movimentação de polícia, né?! (Grupo Focal 1, Entrevistado 1)

4.3.2 Fontes de informação tradicionais

Alguns dos entrevistados relataram repulsa às fontes de informação tradicionais, como televisão, jornais e revistas:

Eu... Eu... Eu não consulto porque eu não gosto da informação que chega nem da qualidade da informação. Ai eu prefiro... A televisão mesmo, eu assisti muito quando era mais novo, mas não no sentido de me inteirar, mas por lazer. E hoje, nesses últimos 2, 3 anos eu parei de assistir e não assisto mais, até hoje. Mas eu... eu já não gostava da informação. Acho que passavam... (Grupo Focal 2, Entrevistado 2).

Outros, por sua vez, relataram o descrédito nas fontes tradicionais. Conforme já visto anteriormente, mencionaram acessar informações na Internet para conferir aquilo que viram, ouviram ou leram em fontes tradicionais ou para comparar com outras abordagens ou pontos de vista. Para eles os interesses da grande mídia não coincidem com os interesses do povo:

A vantagem é por ser uma plataforma que engloba várias fontes diferentes, ao contrário de uma revista ou de um jornal, porque se você pega uma revista, ela é controlada por um grupo muito específico de

peessoas e todas aquelas notícias que chegam lá foram passadas pelo crivo daquelas pessoas (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

Eu costumo ler, eu costumo as vezes ver as notícias nas grandes emissoras mas eu vejo pra depois ir pra internet e ler artigos de sites que eu confio, de que vai ter uma discussão tudo, justamente pra... porque já sei que tem alguma coisa, sei lá, eu já sou desconfiada já com..., mas eu acho importante também..., também ver até pra gente saber criticar também o que chega pra gente (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

Nunca em relação ao meu nunca, né gente. Então, assim, pela experiência que eu já tenho e, poucos anos de vida, mas pelo que eu já vi, dos jornais. Tanto a Globo, quanto SBT, quanto Record, quanto a Bandeirantes, que são os grandes canais nacionais, pra mim, as notícias são dadas da forma que, que melhor convém a eles. Então, vai ser diferente na Globo do que da Bandeirantes? Vai. Mas, os dois têm interesses por trás deles, entendeu? E não é o mesmo interesse do povo, na minha concepção, assim, de... sabe? (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

Esses jornais assim eu nem vejo, não vejo TV, não vejo Globo... É... Veja só lia quando era rir mesmo ou quando estava na porta do dentista esperando e não tinha nada pra fazer e tal (Grupo Focal 3, Entrevistado 4).

No entanto há aqueles que, ao contrário, fazem uso da mídia tradicional para conferir o que viram no ambiente da Internet:

Eu acho que já recorri algumas vezes à Veja online, a revista material nun... [...] Eu fui levado a confirmar, porque no *Facebook* a gente sempre recebe vários links. O *Facebook* ele dissemina a informação, então... eu fui levado a esse link (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

Com relação aos canais televisivos, há uma clara preferência pelos canais alternativos:

A... TV Cultura, TV Escola, às vezes a TV Senado. A TV Senado tem muita coisa interessante. A Câmara parece uma baderna (risos)! É... a Câmara é desagradável. Se eu quiser ver um show de comédia eu ligo na TV Câmara. Mas a TV Senado é interessante, TV Cultura e TV Escola. Mais TV Cultura... (Grupo Focal 2, Entrevistado 3).

Eu... Eu a Globo porque é o canal que já tá. Mas quando tem um assunto polêmico eu dou uma puladinha pro canal 9, Canal Cultura, que geralmente tem umas rodas de debate ali, que elas acontecem de madrugada. Então é a hora que o povo tá dormindo e eu tô antenada assistindo até reprise, de alguns debates, de alguns programas que aconteceram mais cedo né? É por isso que eu durmo nas aulas, gente. (risos) (Grupo Focal 1, Entrevistado 3).

4.3.3 Fontes de informação informal (comunicação oral)

Esperava-se encontrar entre os entrevistados que o assunto política fosse debatido amplamente no ambiente universitário, e que isso aparecesse na categoria fontes de informação informal. Tal pressuposto, entretanto, não se efetivou. Embora o contexto da universidade tenha se mostrado formador de opinião e influenciador na busca de opiniões, isso ficou mais explícito a partir dos ensinamentos adquiridos em aula, das leituras e reflexões do que nas conversas com colegas. A busca de informação sobre o assunto política através de conversas e diálogos foi citada entre parentes e entre desconhecidos ou companheiros de trajeto (taxista, ônibus da moradia):

Pode ser até meio feio, mas, tipo assim. Eu procuro geralmente a minha mãe porque eu sei que ela assiste jornal [...] (Grupo Focal 1, Entrevistado 2).

A minha fonte de informação foi taxista... ‘e aí, como é que tavam as manifestações? Tinha muita gente na rua?’ ‘Tinha nada’ (fala do taxista, segundo o entrevistado) (risos) (Grupo Focal 1, Entrevistado 3).

Tava falando... uma conversa sobre política no ônibus da moradia... (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

4.4 Avaliação das manifestações

Dados coletados a partir da pesquisa anterior revelaram baixos índices de adesão às manifestações políticas que se desenrolaram em 2015. Apesar dos estudantes considerarem as manifestações um direito importante, alegaram que não houve um foco bem delimitado e que grande parte dos participantes tinha intuito de festejar, beber e divertir. Além destes fatores, as manifestações de 2015 foram consideradas como reação de uma classe social específica que foi incomodada.

4.4.1 Direito importante

Os estudantes consideram que ir para rua se manifestar é um direito do povo. No entanto, embora o foco da pesquisa fossem as manifestações ocorridas em 2015, trouxeram para o debate a comparação entre as manifestações de 2013, em que a população reclamou a partir do aumento das tarifas de ônibus e dos gastos empreendidos com a Copa do Mundo e as de 2015, em que os principais temas refletiam o impedimento da presidência e a

corrupção no país. Para os estudantes havia um certo consenso de que as manifestações de 2013 foram de fato populares ao passo que as de 2015 foram provocadas por terceiros, tendo sido a população incitada a participar. Foi debatido, ainda, o papel da polícia frente às manifestações populares. Alguns dos relatos encontram-se abaixo:

Não participei de nenhuma, mas acho que tá certo. Se você tá insatisfeito, a maneira, o meio, o instrumento que o povo tem pra mostrar sua insatisfação é realmente a manifestação. Não participo, mas aprovo (Grupo Focal 1, Entrevistado 2).

[...] Mas, em relação a essas manifestações (2015) é isso que eu tenho que falar. Acho que... é uma pirraça. Mas eles têm todo o direito de sair e... né?! Em relação às manifestações que rolaram por causa da copa, a minha opinião era que num tinha um líder, num tinha nada, era uma insatisfação popular, foi todo mundo pra rua, não era contra a presidente, igual essa tá sendo né?! (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

Acho que é um ato importante. Acho é um direito que tem que ser mantido, algo que não pode ser tirado de alguém. Mas, surgem muitas coisas em evidência... a polícia fica bem evidente, pra que ela é feita... pra controlar a população, mais do que pra proteger. Ah, os interesses da mídia também ficam bem evidente. Mesmo que elas não queiram, elas posicionam de um lado. Enfim... (Grupo Focal 2, Entrevistado 1).

4.4.2 *Sem foco*

Muitas vezes o debate girou em torno do desconhecimento dos manifestantes sobre o real motivo da manifestação de que participavam. Os entrevistados, que em sua maioria não participaram das manifestações, defendem o direito das pessoas de se manifestarem, mas ressaltam a importância de que se saiba em prol de que está se reivindicando. Foram feitas críticas às pessoas que aderem aos movimentos nas ruas desconhecendo seu foco, como se mostra a seguir:

Ah, mas... Todas essas ultimas manifestações que tiveram, sim, todo mundo tem direito de manifestar, mas assim, desde essas que tiveram durante a copa até essas que tiveram recentemente, todas elas pareceram pra mim meio assim... vazias. Tá, cada um falava que ia por um motivo, não tinha como você... como você disse, não tinha um líder, não tinha um motivo específico e eu acho que manifestação é uma coisa importante quando você tem alguma coisa pra reivindicar, quando você tá contra alguma coisa que tá errada e se você souber também assim... é... argumentar, digamos assim, se você souber o que você quer. Porque pra mim todas essas últimas ninguém sabia o que que queria, queria ir na rua pra postar foto no Instagram, no *Facebook*, olha, eu tô na manifestação, sou uma pessoa ativa na política, mas... num, tipo assim: tem que melhorar a educação. Tipo assim, como cê acha que pode melhorar a educação? Num sei. Tem que melhorar a educação. Ah, tem que melhorar a saúde. Como que você acha que o governo deveria fazer

pra melhorar a saúde? Não sei, tem que melhorar a saúde. Então, assim, que acho que... não faz sentido... (Grupo Focal 1, Entrevistado 5).

Então eu eu creio que... e assim, vamo falar do dia 15 de maio, muita gente foi pedindo o golpe militar, teve... teve o golpe militar, acho que muita gente nem sabia do que tava falando, eu mesma cheguei a conversar com umas pessoas: ah o golpe! O que que é o golpe? Sabe? Então assim, vai... ah porque uma pessoa falou que o melhor pro Brasil é isso, então eu vou lá, entendeu? E é da mesma forma em prol, pró-Dilma também eu acho que... agora muitas pessoas que estavam nas ruas queriam a mesma coisa e que às vezes as pessoas que estavam em cada uma não queria. Ah eu não sei... idéias difusas (Grupo Focal 3, Entrevistado 2).

4.4.3 *Foram festa*

Ainda pior que o desconhecimento real daquilo que está sendo reivindicado, para os debatedores, é a participação nas reivindicações apenas pelo prazer de estar presente, a ação de se “carnavalizar” o posicionamento político da população. Segundo os estudantes que participaram da pesquisa, eles souberam de muitos manifestantes que iam às ruas para “sair na foto”, “pelo oba oba”, “para fazer farra”, sem qualquer ideal:

Bom, eu... acho super legal, igual as duas falaram. Manifestação, o povo tem todo direito de fazer isso... bonito, mas igual ela falou: num é todo mundo ali que tá igual. Falar quem é a maioria, quem tá informado ou quem não tá, eu não posso falar isso porque eu não sei quantas pessoas foram nas manifestações, número exato. Então não vou falar se é a maioria ou não, mas tipo, 80% das pessoas que eu conheço que foram, foram pra fazer farra. Esses outros 20% realmente sabiam que queriam e foram lutar pelos direitos. Então, de mim eu posso falar. E... é isso. Tipo, quando tá nesses 80% de pessoa que quer fazer farra, eu acho meio incoerente assim, mas... (Grupo Focal 1, Entrevistado 4).

Eu acho que é talvez por falta de informação. A pessoa às vezes acaba indo muito pela, pelo oba oba, ah eu vou, vai ter uma manifestação, mas você tá indo em prol do que? Ah não sei não, só sei que eu vou, vou lá vou com meus amigos que vão estar lá, vou também. Então acaba que fica meio nisso, não tem, ele não tem um ideal, ele não tem um posicionamento, então... qualquer lugar que ele tiver pra ele é isso mesmo (Grupo Focal 3, Entrevistado 3).

4.4.4 *Últimas manifestações (2015) foram de uma classe social*

Finalmente, o que se pode depreender dos debates, é que os estudantes da UFMG acreditam que as manifestações ocorridas no início de 2015 não refletem pontos de vista de toda a população brasileira, mas de apenas parcela dela. Diferem a participação por classes sociais ou então pela parte da cidade em que a população habita:

Primeiro, eu moro na Zona Norte, eu não moro na Zona Sul. Então panelaço como é que foi, você escutou? Porque no meu bairro nem tambor num tocaram... né?! Aí você vê que foi uma coisa... foi uma manifestação bem direcionada a uma determinada, né, classe social, então eu já me senti excluída disso aí. É... entendi o motivo que eles fizeram a... a... por descrer, por não acreditar, entendi o motivo, direito de manifestar todos tem. (Grupo Focal 1, Entrevistado 3).

Uai... bom, as desse ano pra mim acho que foram que nem o (Entrevistado 3) falou, foram manifestações de uma determinada classe que não aceitou nem um pouquinho de medida pra... uma classe mais baixa. E olha que o governo fez muito pra classe deles pra eles fica batendo panela, né?! (Grupo Focal 1, Entrevistado 1).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Métodos qualitativos permitem uma análise profunda sobre práticas informacionais. A partir da coleta de dados por debates em grupos focais, foi possível constatar que os principais motivos para o uso das fontes “Estado de Minas” e “O Tempo”, “Carta Capital” e “Veja”, “Rede Globo” e “Canais Fechados (TV a cabo)” foram confirmar informações obtidas em outros veículos. Apesar da informação transmitida por essas fontes serem consideradas tendenciosas, segundo os estudantes, notícias falsas não seriam transmitidas, pois os veículos de informação possuem certa responsabilidade quanto à veracidade da informação transmitida.

Descobriu-se que o uso da Internet e de redes sociais, com destaque para o *Facebook*, são os meios mais utilizados para interação com informações sobre política devido a dois motivos principais: comodidade, pois na contemporaneidade o uso destes meios se tornou comum; e possibilidade de construção e divulgação de opiniões próprias diante do leque de informações disponíveis.

A baixa adesão dos estudantes às manifestações de 2015, foco desta pesquisa, se deu em decorrência à percepção que tiveram de que estas revelaram-se sem foco e festivas. Conforme os participantes dos grupos focais, as pessoas compareceram às manifestações apenas para encontrar amigos, beber e postar fotos nas redes sociais.

Confirmou-se que o contexto social efetivamente influencia no modo como estes estudantes buscam, confirmam e disseminam informações sobre política. Alguns dos graduandos que participaram dos grupos focais, afirmaram não consultar alguns meios ou preferir outros após terem entrado para a universidade.

A comunicação oral e o diálogo mostraram-se importante fonte de informação informal, categoria em que pode-se considerar que o *Facebook* de alguma forma também se insere. As conversas informais, corriqueiras, possibilitam trocas rápidas de informações e, geralmente, conduzem a debates sobre o tema em discussão.

REFERÊNCIAS

DERVIN, B.; FOREMAN-WERNET, L. Sense-Making Methodology as an approach to understanding and designing for campaign audiences: A turn to communicating communicatively. In: ATKIN, C.; RICE, R. E. *Public Communication Campaigns*, 4th ed. Sage Publications, 2012. p. 147-162.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. In: WILLIAMS, Martha E. (Ed.). *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 21, Chicago, IL: Knowledge Industry Publications, 1986, p. 03-33.

DIAS, Claudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330/252>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

ESTADÃO conteúdo. Pelas redes sociais, 79 milhões falam de um só tema. *Info Exame online*, Tecnologia, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2013/06/pelas-redes-sociais-79-milhoes-falam-de-um-so-tema.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 217-223, maio/ago. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/660/664>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FUMIAN, Amélia Milagres; RODRIGUES, Denise Celeste Godoy de Andrade. O *facebook* enquanto plataforma de ensino. *R. Bras. de Ensino de C&T*, v. 6, n. 2, maio/ago. 2013.

McKENZIE, Pamela J. A modelo of information practices in accounts of everyday-life information seeking. *Journal of Documentation*, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

PASCOAL, Juliana. A voz do sofá: o *Facebook* como ferramenta de protestos políticos em São Paulo. 2013. 24 f. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SAVOLAINEN, Reijo. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the “Umbrella Concepts” of Information-Seeking Studies. *Library Quarterly*, vol. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.5, n.2, out. 2015.

SOBREIRA, Fernanda Resende. et al. Processos de busca de informação política dos estudantes de graduação da UFMG: uma abordagem quantitativa. *Múltiplos Olhares*, Belo Horizonte, 2016. No Prelo.

TALJA, Sanna; TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. “Isms” in Information Science: Constructivism, Collectivism and Constructionism. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, 79-101, 2005.

TUOMINEN, Kimmo; TALJA, Sanna; SAVOLAINEN, Reijo. The Social Constructionist Viewpoint on Information Practices. In: *Theories of Information Behavior*. New Jersey, NJ: Information Today Inc, 2005. p. 328-33.